



O percurso da semiótica na USP

Uma homenagem a Beth Brait, José Luiz Fiorin, Diana Luz Pessoa de Barros, Luiz Tatit e Norma Discini

BETH BRAIT

A memória é a consciência inserida no tempo.

(Fernando Pessoa)

Senhora diretora, Senhoras chefe do Departamento e Coordenadora do Programa, agradeço a presença de vocês nesta cerimônia e o empenho de cada uma para que esse evento acontecesse. De imediato, gostaria de dizer que a USP/São Paulo, a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, desde a Maria Antonia, onde tudo começou para mim, assim como o Departamento de Linguística e o Programa de Pós Graduação em Semiótica, que me acolheram como professora e pesquisadora, fazem parte da minha vida, pois me constituíram como profissional do ensino e da pesquisa, sem alibi para ser outra coisa. O lugar que vocês ocupam hoje e o importante papel que desempenham nessa instituição, e o que ela representa para o ensino público de qualidade nesse país, foram ocupados por pessoas que marcaram minha formação e, definitivamente, meus caminhos. Na pessoa de vocês três, agradeço a as pessoas que fazem parte da minha história. Queridos amigos, queridos parentes, alunos, orientandos e colegas. A presença de cada um de vocês é muito significativa para mim, pois vocês testemunham, dentro e fora

dos muros da academia, o quanto devo a cada um de vocês e a todos, e de maneira muito especial a Mariana, filha querida e renomada cientista, que veio do exterior para estar comigo neste importante momento. Ana Muller e Esmeralda Negrão. De maneira muito carinhosa, agradeço a vocês duas, colegas e amigas queridas, a ideia e a condução deste evento tão expressivo e tão tocante para mim. Sublinho que, além da convivência profissional e afetiva que nos une, tive a honra de fazer parte da banca do primeiro concurso que pudemos realizar no Departamento de Linguística e que, em meio a mais de duas dezenas de candidatos, vocês, e mais um dos homenageados, Luiz Tatit, revelaram a face pesquisadora, ética e generosa que as caracteriza e distingue até hoje. E passaram, desde então, a contribuir não apenas para o Departamento e para o Programa, mas para a Linguística deste país em constante diálogo com o exterior.

Agradeço, com muita emoção e carinho, às duas professoras que se pronunciaram generosamente sobre minha pessoa. Margarida Petter, protagonista de importante linha de pesquisa sobre estudos africanos, colega e amiga querida de muitas horas e diferentes situações, dentro e fora da USP, incluindo a Espanha, mais especialmente Toledo e El Greco, que tanto nos marcou. Sheila Grillo, aluna, orientanda, parceira de pesquisas, colega, e que é, hoje, sem qualquer sombra de dúvida, uma das mais importantes bakhtinianas da nova geração, primeira linguista brasileira a trazer as obras do Círculo para o português diretamente do russo. Além do imenso carinho e da admiração, tenho muito orgulho dessa nossa parceria, na vida e na arte.

Cumprimento os queridos colegas aqui homenageados, Diana, Fiorin, Norma e Tatit, confessando minha imensa alegria por fazer parte, juntamente com vocês, dessa reunião que congrega nossas paixões intelectuais e nossos laços afetivos. De fato, temos uma vida compartilhada, trilhada pelas veredas abertas dentro e fora dessa generosa instituição, que nos uniu e fortaleceu, que é a USP, de maneira geral, e o Departamento de maneira específica.

Bem, ao homenageado só deveria ser dado o direito de expressar seus agradecimentos por meio de um “muito obrigado a todos”. Entretanto, espera-se que ele se alongue um pouco, dada a importância institucional e afetiva do momento. Por seu lado, o homenageado gostaria de ser poupado de ter de lidar com o reboiço provocado na memória pela palavra homenagem. Quem leu a obra O professor, do escritor

brasileiro Cristovão Tezza, sabe exatamente do que estou falando. As lembranças tomam de assalto o homenageado, que vê sua vida passar diante dos olhos, misturando muita coisa, uma vez que, na vida, tudo está junto, misturado, dificultando uma organização linear.

Em meus agradecimentos evidenciam-se as dimensões em que os tempos, presente e passado, implicados necessariamente na semântica existencial da palavra homenagem, conduzem um ambíguo e imprevisível jogo, difícil de ser controlado. A memória, tecida por lembranças, e certamente por esquecimentos, uma vez que um não pode existir sem o outro, protagoniza uma cena ao mesmo tempo clara e difusa, que se apresenta em fragmentos, sem linearidade, sem sequência lógica, mas que, curiosa e felizmente, provoca uma sensação de prazer, de alegria. Prazer de estar com parceiros não apenas de profissão, mas da vida. De certo isso acontece porque, como afirma Eduardo Galeano A memória guardará o que valer a pena. A memória sabe de mim mais que eu; e ela não perde o que merece ser salvo.

Mas, se ao homenageado é dado o dever da palavra, a consciência tenta organizar uma possível narrativa, costurada com os tênues fios de uma lógica, pedindo um início, um desenvolvimento, um final alegre. O final alegre é o contraponto ao pavor existencial inicial que a ideia de homenagem provoca no homenageado. Juntamente com a gratidão pelo reconhecimento, vem a certeza do tempo que passa, do tempo passado, do tempo passante. Tudo isso num presente em que o homenageado se considera em plena força física e vigor. Ao menos é esse o traço tranquilizador em relação ao tempo e aos fatos trabalhados pela memória, que Octavio Paz (*O labirinto da solidão*, 1984: 239), define com extrema clareza: “o que passou efetivamente passou, mas há alguma coisa que não passa, alguma coisa que passa sem passar completamente, perpétuo presente em rotação”. E é isso que a cerimônia de homenagem traz a tona: alguma coisa que passa sem passar completamente, perpétuo presente em rotação.

E é guiada pelas palavras de Otávio Paz que coloco o início do que a memória oferece no momento em que, em Itapetininga, cidade do interior paulista, tive a permissão paterna para morar em São Paulo, desde que fosse aprovada na USP, ou seja, na Universidade de São Paulo, instituição pública e gratuita que, pela via de um imaginário poderoso, representava a um só tempo, a possibilidade de uma filha da classe

média adentrar o ensino universitário e, mais que isso, ser abrigada pela mais importante instituição universitária do país. Assim, nos estertores da década de sessenta, conclui o curso Clássico no Instituto de Educação Peixoto Gomide, o IEPG, uma importante e histórica escola pública do Estado de São Paulo, que oferecia um ensino de qualidade, com professores qualificados e bem remunerados, para alunos da cidade e das adjacências, abrigando democraticamente diferentes classes e etnias, e aportei na USP, mais especificamente na Maria Antonia.

Confesso que foi um salto quase mortal. Ao deslumbramento com a riqueza intelectual da vida acadêmica e com a efervescência caleidoscópica da metrópole, juntou-se a consciência política e a afiliação a um partido de esquerda, obviamente clandestino. Entre as salas de aula da Maria Antonia, as leituras e as lições de latim e de vida, o primeiro emprego como professora de língua e literatura aconteceu no Cursinho do Grêmio da USP. E aí foram muitos os ganhos intelectuais e afetivos, juntamente com as grandes perdas para a ditadura, incluindo a batalha que obrigou a mudança da aconchegante Maria Antonia para a Cidade Universitária. Viemos na condição de sem-teto, pois naquele momento não havia um prédio para o curso de Letras.

Novos tempos, muitos estudos, muitos medos, muitas descobertas. Casamento, trabalho, batalhas. Como falar de tudo aquilo? Que palavras dão conta dessa história individual que na verdade se insere, sem álibi, na história coletiva, nas estórias de um coletivo que tem a ver com um Brasil ainda mais difícil e doloroso que o Brasil de hoje? E aqui é a literatura que vem a meu encontro para me socorrer. Primeiro, pela voz de Riobaldo, o protagonista de Grande sertão veredas, quando ele diz: Conto ao senhor é o que eu sei e o senhor não sabe; mas principal quero contar é o que eu não sei se sei, e que pode ser que o senhor saiba. E é a essa dificuldade de lidar com as não certezas, do tentar saber, tentar compreender, tentar contar, que justamente chamei no início dessa fala de reboição da memória. E novamente é um grande escritor, dessa vez Tennessee Williams, quem me socorre apaziguando, de certa forma, as angústias do contar: A memória permite inúmeras licenças poéticas. Ela omite alguns detalhes; outros são exagerados, de acordo com o valor emocional envolvido no tema, porque a memória está assentada predominantemente no coração. E aqui, é o espaço USP/Cidade Universitária, que se revela uma poderosa articulação espaço/tempo, unindo passado e presente, emendando os franciscanos barracões das Letras com este suntuoso espaço da Biblioteca

Guita e José Mindlin. Dentre tantas vivências, esse continuum tempo/espaço, faz avultar minha ambivalência profissional, já existente naquele momento, envolvendo o interesse pelos estudos linguísticos e pelos os estudos literários, binômio que me acompanha até hoje, a essa altura de maneira bem mais tranquila. E é a pós-graduação em Linguística, justamente a área de Semiótica e Linguística Geral, e a entrada para o Departamento, que naquela época ainda não era independente, pertencendo ao Departamento de Línguas Orientais, que me abriu os caminhos para unir os meus dois interesses, Linguística e Literatura, na certeza de sua compatibilidade, pela via da Semiótica.

Naquele momento, além de aderir a batalhas internas à instituição, que tinham a ver com a democratização da pesquisa, das escolhas teóricas, foi nesse espaço que selei grandes e duradouras parcerias. E de maneira muito significativa para minha vida pessoal, intelectual e profissional, descobri que se a luta armada não deu certo, imersa nas águas do Araguaia, nos porões do Doi/Codi, na dispersão existencial dos militantes sobreviventes, era possível continuar a luta democrática no espaço acadêmico, entendido como ensino, pesquisa, formação. A compreensão da sociedade por meio do estudo dos discursos nela produzidos, reveladores dos sujeitos que aí se constituem, se ofereceu como a vereda teórico-existencial.

Assim, cheguei a uma vertente dos estudos do discurso que, articulando Linguística, Literatura e Ciências Humanas em geral, está assentada no social, no histórico, no cultural, baseada justamente no diálogo, condição humana para a convivência entre eu/outro, convivência que mesmo não sendo pacífica, uma vez que implica diferenças e respeito a elas, abriga o igual e o diferente, as identidades e as alteridades que as constituem. Trata-se do que hoje chamamos de perspectiva dialógica, que é minha linha básica de pesquisa, e que vem de um conjunto de pensadores russos que escreveram numa época de absoluta falta de diálogo principalmente nos anos 1920, 1930, sob o tacho stalinista. A ideia do diálogo como princípio e fim, num momento de silenciamento de vozes e vidas, tanto na União Soviética daquele momento, como no Brasil da ditadura militar, cujos efeitos são sentidos até hoje, como se pode observar na vida e na arte, foi possível nesse espaço da Semiótica, nome genérico que abriga democraticamente várias tendências, como testemunham os pesquisadores aqui homenageados.

E se essa *homenagem*, ao final das contas, é um elogio coletivo dirigido a um modesto indivíduo e seu fazer profissional, social, tenho agora de me socorrer com Freud, que muito apropriadamente afirma duas das coisas que sinto sinceramente neste momento e com as quais termino minha fala. Ele afirma: “Podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos a um elogio”. É assim que me sinto. E faz, ainda, uma afirmação, com a qual concludo minha fala: “Existem momentos na vida da gente, em que as palavras perdem o sentido ou parecem inúteis e, por mais que a gente pense numa forma de empregá-las, elas parecem não servir. Então a gente não diz, apenas sente”.

Muito obrigada a USP, a meus pais que me trouxeram a ela, a todos vocês por existirem, a esse dia, e pela minha vida, plena de forças e alegrias para serem curtidas e também para enfrentar as intempéries. ❖